

L E T D F R A S

Câmara Legislativa do Distrito Federal
Ano II - Nº 23 e 24

Suplemento Cultural
1996

Teatro exige Dulcina Viva

■ **Paracatu e os
caminhos para
os Goyazes**





**Antônio
Cafu
(PT)**

A Fundação Teatro Dulcina está de parabéns. Apesar da falta de recursos, dos problemas constantes enfrentados pelo setor cultural, o Dulcina resiste e participa ativamente da construção da história de Brasília. Erguido no centro nervoso da cidade, além de formar talentos, o Dulcina serve de cenário para grandes manifestações sociais, colaborando para o desenvolvimento de uma consciência crítica e participativa da população. A grande atriz Dulcina de Moraes, mentora da Fundação, também está de parabéns, porque foi ela, com sua insistência e sensibilidade, quem conseguiu tornar possível a Fundação. A população de Brasília agradece.



**César
Lacerda
(PTB)**

A Fundação Cultural do Distrito Federal deveria preocupar-se em promover cursos visando à formação de produtores culturais, tendo em vista ser a falta desses profissionais a maior dificuldade encontrada para a montagem de espetáculos artísticos em Brasília. Esta realidade obriga o artista brasileiro a atuar e a produzir o seu espetáculo, deixando, quase sempre, sua qualidade comprometida. Portanto, é imprescindível o surgimento de novos produtores; caso contrário, teremos de continuar convivendo com o marasmo cultural e com grande parte dos artistas arquivando seus projetos, à espera de Godot.

Literatura e vasetomia cerebral

□ **Ezio Flavio Bazzo**

Se, em sua época, Gertrude Stein acusava de geração perdida uma juventude que lia Freud, Marx e Kropotkin, que podemos dizer nós de nossos adolescentes e até universitários, quando suas pretensões intelectuais parecem não ir além dos textos “banana split” de Paulo Coelho e de outros vivaldinos do esoterismo e da vasetomia cerebral?

Mas, apesar de todas as restrições intelectualóides sobre esse nosso Gurdjieff caipira lusitano, a verdade é que é extremamente difícil escrever sobre sua obra sem inveja, principalmente sabendo que ele encontrou sua espada em Santiago de Compostela, que detém poderes para parar furacões e, ainda por cima, que fatura mais de 50 mil dólares mensais com seus dejetos. Insanidade? Plágio? Oportunismo? Lucidez? Um extraterrestre disfarçado em bundão, que tem a escatológica missão de entupir e congestionar as consciências deste fim de século? De ser, depois do Livro Vermelho de Mao e do Livro Verde de Kadhafi, o tóxico mais consumido, inclusive pelos nossos censores? Seja o que for, não se pode deixar de louvar o estilo *soft* da dialética coeliniana, pois ela caiu como uma luva sobre os buracos negros do caráter populesco nacional.

— Ah, mas ele foi traduzido até mesmo na França! retrucam afobados os leitores.

Verdade. Verdade. E isto é bom! Levanta o astral de uma pátria melancólica, onde os magos e os gogos se acotovellam e se confundem! Que lá, na França de hoje, existam três curandeiros para cada médico e que todos os charlatões do planeta encontrem, junto à população e seus editores, um sofisticado e sólido refúgio, isto é outra coisa. Confesso que me senti bem vendo as pilhas dos livros de nosso gênio nacional na entrada da

maior livraria de Paris. Sim, me fez bem ver o trabalho de um guru brasileiro, amontoado ao lado da biografia de M. Thatcher e de um ensaio de Ana Arendt. O que senti? Algo meo confuso, como se estivesse diante do próprio autor, que, numa posição de lótus, ensinava a cada um dos clientes com levitar até Compostela ou como iluminar-se caminhando pelas encostas frias e desoladas da Galícia. Ou, então, a como conseguir uma espada, ali mesmo, nos mercados sucateados dos bairros árabes. Sim, sim, senti algo cômico e estranho, como se o próprio Petrus quisesse ensinar-me os exercícios da dança. Algo parecido ao que sentia quando me deparava com os travestis brasileiros no Bois de Bologne ou nas festas do George Pompidou. É o que temos! Pensava. Se só sabemos produzir isto, que mal há em fazer disto o que melhor temos?

RAM, RAM, RAM. Um chá de rabo de gato, uma cruz em bronze, um pedaço da verborrécia inquisitória...

Mas se você é jovem, gosta de Rita Lee, Raúl Seixas, Elis Regina, Betânia, etc., respire fundo como manda o mestre e lembre-se de que todos eles cantaram as letras desse homem que “nasceu há dez mil anos atrás”.

RAM, RAM, RAM! Ora, nem só de erudição vive o homem! Deixe-se levar, pelo menos hoje, pela ingenuidade da manada; vamos, não existe risco algum. Como alguém poderia perder-se no meio da turba? Além disso, se você seguir devotamente as orientações, seguramente também poderá, um dia, conquistar sua espada e ser feliz como uma Valquíria. E depois, como escrevia Sartre: “Existir é beber todos os dias sem ter sede”.

Ezio Flavio Bazzo, psicólogo